ENTRE A DOR E O CUIDADO: DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS NO PARTO E OS CAMINHOS PARA PRÁTICAS OBSTÉTRICAS RESPEITOSAS – UMA REVISÃO DE LITERATURA

JOELMA MENDONÇA PAULO; ANA BEATRIZ RAMALHO DE ARAÚJO; ANA LETÍCIA OLIVEIRA GUEDES; THAÍS CALIXTO DAMÁSIO; ANA JÉSSICA DOS SANTOS SOUSA

RESUMO

A dor no parto é uma experiência complexa, influenciada por fatores fisiológicos, emocionais, sociais e culturais. No entanto, quando atravessada por contextos de violência obstétrica e racismo institucional, ela passa a refletir desigualdades estruturais que afetam, principalmente, mulheres negras. Este estudo, baseado em uma revisão de literatura nas bases SciELO, PubMed e Google Acadêmico, analisa como os marcadores sociais de raça, classe e gênero impactam a vivência da dor no parto e o acesso a um cuidado humanizado. A análise identificou três eixos principais: a alta prevalência da violência obstétrica, a invisibilidade das experiências das mulheres negras e a insuficiência de políticas públicas que considerem as especificidades raciais. Mulheres negras são frequentemente submetidas a práticas desumanizadas, como intervenções sem consentimento, negligência e julgamentos morais. Esses abusos são sustentados por estereótipos racistas, como a ideia de que mulheres negras suportam mais dor e precisam de menos cuidado, contribuindo para a perpetuação de um sistema de saúde excludente. Embora existam políticas como a Política Nacional de Humanização do Parto, sua implementação é falha e desigual. Muitas vezes, essas diretrizes não alcançam as mulheres que mais precisam de um cuidado qualificado e respeitoso. A falta de preparo das equipes de saúde para lidar com questões raciais reforça barreiras no acesso à atenção obstétrica adequada. Conclui-se que é urgente promover um modelo de cuidado obstétrico que enfrente as desigualdades raciais e valorize a escuta e o protagonismo das mulheres negras. Além disso, é fundamental fortalecer políticas públicas com enfoque interseccional e ampliar a produção científica que aborde raça, gênero e classe como eixos centrais para a promoção de uma saúde verdadeiramente equitativa e humanizada.

Palavras-chave: Violência obstétrica; Saúde da mulher; População negra.

1 INTRODUÇÃO

A dor no parto é um fenômeno fisiológico e multifatorial, influenciado por aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Segundo a *Diretriz de Assistência ao Parto Normal* (2022), biologicamente, a dor resulta das contrações uterinas, dilatação cervical e respostas fisiológicas como a liberação de endorfinas. Psicologicamente, fatores como medo e

ansiedade afetam sua percepção. O ambiente de parto e o apoio recebido influenciam socialmente essa vivência, enquanto crenças culturais moldam sua interpretação. Assim, a dor deve ser compreendida como uma experiência subjetiva que requer uma abordagem integrada e humanizada (**Santana, 2024**).

Entretanto, essa experiência pode ser impactada negativamente por situações de violência obstétrica. Tal violência é caracterizada por qualquer ação ou omissão de profissionais de saúde que resulte em sofrimento físico ou emocional, dano, desrespeito ou violação dos direitos das mulheres durante a gestação, o parto e o puerpério (**Cardoso, 2019**), essa violência pode se manifestar por meio de práticas como a imposição de procedimentos sem consentimento, agressões verbais, negligência, humilhações e outras condutas que desconsideram a autonomia da mulher, violando seus direitos reprodutivos e sua dignidade.

A violência obstétrica é agravada pela desigualdade racial, afetando de forma desproporcional as mulheres negras, que são mais expostas à negligência, à desvalorização de suas dores e à violência institucional. Tal cenário decorre do racismo institucional, de práticas discriminatórias e da falta de reconhecimento das especificidades da saúde da mulher negra. A interseccionalidade entre raça, classe e gênero aprofunda as desigualdades, dificultando o acesso a um cuidado obstétrico digno, humanizado e respeitoso, com impactos negativos sobre a saúde física, emocional e psicológica dessas mulheres (**Bittercourt, 2021**).

Diante disso, é urgente promover políticas e práticas de saúde que reconheçam a complexidade da dor no parto, combatam ativamente todas as formas de violência obstétrica e engagem o enfrentamento das desigualdades raciais e sociais que afetam de forma desproporcional as mulheres negras. A construção de um modelo de atenção obstétrica verdadeiramente humanizado deve estar fundamentada no respeito à diversidade, na escuta qualificada, na valorização da autonomia das gestantes e na garantia de seus direitos reprodutivos (**Cardoso, 2022**).

Apesar dos avanços nas políticas de humanização do parto, mulheres negras ainda enfrentam negligência e violência obstétrica, refletindo desigualdades estruturais marcadas por raça, classe e gênero. A falta de práticas sensíveis à questão étnico-racial e o racismo institucional dificultam o acesso a um cuidado humanizado, o que levanta a seguinte questão: como as desigualdades étnico-raciais impactam a vivência da dor e o acesso ao parto humanizado por mulheres negras?

Diante do cenário de desigualdades que impactam diretamente a experiência da dor no parto, este trabalho tem como objetivo revisar a literatura científica sobre as disparidades vivenciadas por mulheres negras nesse contexto, analisando como fatores estruturais, culturais e institucionais contribuem para a intensificação do sofrimento físico e emocional durante o processo parturitivo. Ao compreender a dor como um fenômeno multifatorial e a saúde como um direito universal, este estudo propõe refletir sobre estratégias capazes de reduzir iniquidades e fortalecer o protagonismo das mulheres negras na vivência do parto (**Leal, 2017**).

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura com o objetivo de analisar a produção científica relacionada à dor no parto, às desigualdades étnico-raciais na assistência obstétrica e a humanização do cuidado, com ênfase na atenção à saúde de mulheres negras. A busca foi realizada entre os meses de abril e maio de 2025, utilizando as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed e Google Acadêmico. Foram empregados os seguintes descritores e palavras-chave combinadas com o operador booleano “AND” e “OR”: “Violência Obstétrica”, “Saúde da Mulher” e “População Negra”, com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH), quando aplicável.

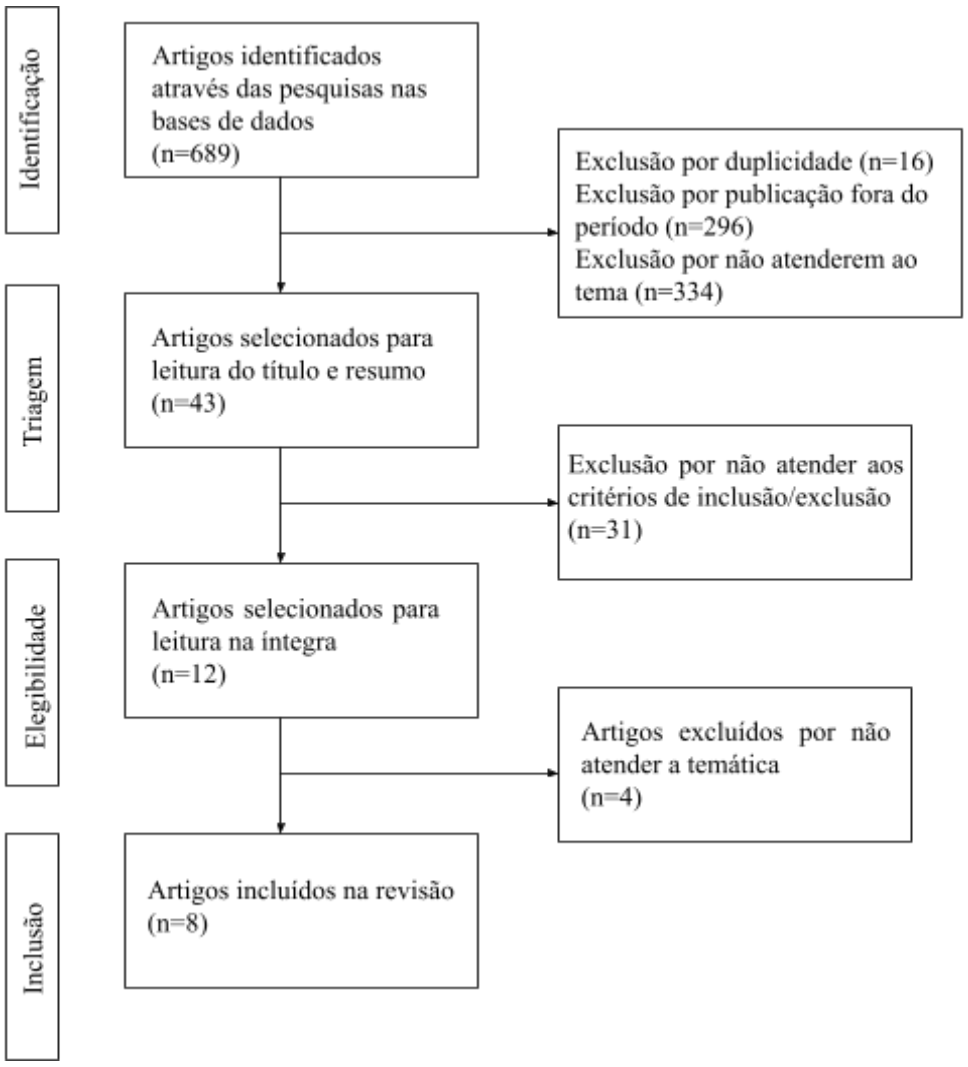
Foram incluídos artigos originais publicados entre 2014 e 2024, em língua portuguesa,

que abordassem diretamente os temas propostos. Os critérios de exclusão aplicados, sequencialmente, foram: (1) publicações fora do período; (2) artigos em outro idioma; (3) temas não pertinentes; (4) revisões; (5) duplicados; (6) foco exclusivo em intervenções médicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca inicial resultou em um total de 689 artigos. Após a aplicação dos critérios de exclusão, foram selecionados e analisados 8 artigos.

Figura 1. Fluxograma sobre a pesquisa nas bases de dados. Campina Grande, PB, 2025.



A análise dos estudos selecionados foi realizada de forma descritiva, com o intuito de identificar as principais contribuições para a compreensão da temática, evidenciando o potencial da fisioterapia para promover um cuidado obstétrico mais equitativo e humanizado, especialmente para mulheres negras.

Quadro 1. Distribuição dos artigos de acordo com o título, autores, objetivo, método, conclusão e ano de publicação. Campina Grande, PB, 2025.

Autor / Ano	Título	Objetivo	Desenho do estudo	Conclusão
SANTANA, 2024	Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica.	O objetivo é entender as percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica, analisando como raça, gênero e classe social influenciam suas experiências durante o parto.	Trata-se de um estudo descritivo-exploratório qualitativo realizado em uma maternidade pública de Salvador, com entrevistas e observação participante de 25 gestantes e puérperas.	O estudo mostra que o racismo obstétrico causa opressão e violência nas experiências de mulheres negras, reforçando a necessidade de um cuidado obstétrico digno e sem discriminação, com base na interseccionalidade.
ALVES, 2023	Relação entre iniquidades racial e violência obstétrica no parto.	Verificar a influência dos aspectos raciais na prática de violência obstétrica durante o parto.	Estudo observacional transversal, de abordagem quantitativa, realizado em maternidade pública em Goiânia, com coleta prospectiva de dados.	O fator raça/cor impacta o tratamento das mulheres no parto, com as mulheres negras sendo mais vulneráveis à violência obstétrica e a cuidados menos humanizados..
MEDEIROS, 2022	Na hora de fazer não chorou": a violência obstétrica e suas expressões.	Analisar a violência obstétrica e suas manifestações sob a ótica de puérperas, contribuindo para estratégias de enfrentamento dessa problemática.	Pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas realizadas com 12 puérperas atendidas por uma UBS no Nordeste do Brasil [T6, T9].	A violência obstétrica reflete desigualdades de gênero e precisa ser visibilizada e incluída na formação profissional.
LIMA, 2021	Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras.	Compreender e analisar as vivências de mulheres negras relacionadas ao cuidado na gestação, parto e pós-parto, destacando a presença de violência obstétrica e racismo institucional.	Pesquisa empírica de abordagem qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas realizadas com mulheres negras atendidas no SUS em Pernambuco; análise de conteúdo das narrativas.	O racismo estrutural dificulta e nega às mulheres negras o acesso a seus direitos reprodutivos, perpetuando práticas abusivas e violências obstétricas devido às interseções de raça, classe e gênero.
BITTENCOURT, 2021	Atenção ao parto e nascimento em Maternidades da RedeCegonha/ Brasil: avaliação do grau de implantação das ações	Analisar o grau de implantação das Boas Práticas de Atenção ao Parto e Nascimento conforme as normas da Rede Cegonha em todo o Brasil e suas grandes regiões.	A pesquisa, de natureza qualitativa e quantitativa, avaliou 606 hospitais públicos e mistos no Brasil em 2016/2017, com base em documentos normativos, por meio de entrevistas, análise documental e observação direta.	Os resultados mostram que a Rede Cegonha está em diferentes fases de implantação no Brasil, com maior avanço no Sul e Sudeste. A maioria das diretrizes foi considerada parcialmente adequada, indicando a necessidade de

				melhorias, especialmente nas regiões com menor desenvolvimento.
CARDOSO, 2019	Atenção à saúde da mulher negra no ciclo gravídico puerperal: percepções em primeira pessoa.	Compreender as percepções de mulheres negras sobre suas experiências durante a gestação e pós-parto, incluindo apoio, cuidados de saúde, racismo e discriminação.	Estudo qualitativo em São Paulo sobre as experiências de mulheres negras, analisadas sob uma perspectiva interseccional de raça, gênero e classe.	O estudo evidencia discriminação e racismo institucional enfrentados por mulheres negras na gravidez e pós-parto, impactando sua saúde, e destaca a necessidade de mais pesquisas e ações inclusivas.
LEAL, 2017	A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil.	O estudo buscou avaliar as iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil, analisando as disparidades de cuidado entre mulheres pretas, pardas e brancas com base na raça/cor	O estudo "Nascer no Brasil" (2011/2012) analisou 23.894 mulheres, utilizando entrevistas e prontuários para comparar grupos raciais e estimar as chances de diferentes resultados de saúde relacionados à raça/cor..	O estudo mostrou que mulheres pretas e pardas recebem cuidados de pré-natal e parto de menor qualidade que mulheres brancas, mesmo considerando fatores sociais, o que indica desigualdades raciais na saúde materna no Brasil.
SANTOS, 2016	Parto, mulher negra e violência: corpos invisíveis?	Analisar a violência obstétrica e o impacto da opressão de gênero e raça no parto de mulheres negras.	Pesquisa empírica com coleta de dados quantitativos e qualitativos, além de levantamento bibliográfico.	Mulheres negras enfrentam violência obstétrica e institucional, evidenciando falhas nas políticas de humanização do parto e a falta de estudos sobre a relação entre essa violência e o racismo, o que exige ações para garantir respeito, direitos e reduzir danos..

A análise dos artigos revisados revelou três eixos principais: a violência obstétrica, a experiência das mulheres negras durante o parto e a insuficiência de políticas públicas que contemplem as especificidades raciais no cuidado materno. Estudos como o de Leal et al. (2017) mostram que mulheres negras têm maior risco de pré-natal inadequado, falta de acompanhante e acesso limitado à anestesia, refletindo um padrão discriminatório e o racismo institucional presente na atenção obstétrica. A pesquisa também destaca, com uma abordagem interseccional, como gênero, raça e classe se entrelaçam nas vivências das mulheres negras, resultando em práticas desumanizadas, como toques abusivos e a falta de informações, que agravam os efeitos físicos e psicológicos do parto.

Apesar da existência de políticas como a Política Nacional de Humanização do Parto, a sua aplicação ainda é limitada, principalmente para mulheres negras. A falta de preparo das equipes de saúde e a baixa visibilidade da questão racial na obstetrícia perpetuam um cuidado fragmentado e seletivo. Portanto, é necessário repensar o modelo de atenção obstétrica, ampliando o debate sobre o racismo institucional e fortalecendo políticas públicas voltadas à equidade racial. A capacitação profissional, a garantia dos direitos das gestantes e a valorização do protagonismo das mulheres negras no parto são essenciais. Além disso, destaca-se a escassez de estudos sobre o tema, evidenciando a necessidade urgente de mais pesquisas para contribuir com práticas mais justas e inclusivas.

4 CONCLUSÃO

A análise destaca que a violência obstétrica afeta de forma mais intensa as mulheres negras, evidenciando como o racismo institucional e a fragilidade das políticas públicas de equidade racial aprofundam as desigualdades no cuidado materno, mesmo com políticas como a de Humanização do Parto. A interação entre gênero, raça e classe revela atos de desumanização que deixam marcas físicas e emocionais duradouras. Embora o debate sobre a humanização do parto tenha avançado, sua aplicação permanece desigual e excludente. Assim, é essencial fortalecer pesquisas interseccionais que inspirem mudanças no modelo de cuidado, valorizando o protagonismo das mulheres negras e implementando políticas públicas inclusivas para garantir uma atenção obstétrica mais justa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Guilherme Kelvin et al. Relação entre iniquidades racial e violência obstétrica no parto. *Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago"*, Goiânia, v. 9, n. 9d3, p. 1–19, 2023.

BITTENCOURT, Sonia Duarte de Azevedo et al. Atenção ao parto e nascimento em Maternidades da Rede Cegonha/Brasil: avaliação do grau de implantação das ações. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 801-821, 2021.

CARDOSO, Edilaine Marcio; COCKELL, Fernanda Flávia. Atenção à saúde da mulher negra no ciclo gravídico puerperal: percepções em primeira pessoa. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 12, n. 40, p. 111-131, 2019.

LEAL, Maria do Carmo et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, n. Suppl 1, p. e00078816, 2017.

LIMA, K. D.; LYRA, T. M.; PIMENTEL, C. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, suplemento 3, p. 4909-4918, 2021.

MEDEIROS, Rita de Cássia da Silva; NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme do. "Na hora de fazer não chorou": a violência obstétrica e suas expressões. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 3, e71008, 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretriz nacional de assistência ao parto normal. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. (Versão preliminar).

SANTANA, Ariane Teixeira de et al. Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, p. e09952023, 2024.

SANTOS, Jaqueline Maria; OLIVEIRA, Tamiz Lima; SOUZAS, Raquel. Parto, mulher negra e violência: corpos invisíveis?. *Boletim do Instituto de Saúde - BIS*, v. 17, n. 2, p. 112-119, 2016.